

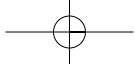
HOMEM

Inútil definir este animal aflito.
Nem palavras,
nem cinzéis,
nem acordes,
nem pincéis
são gargantas deste grito.
Universo em expansão.
Pincelada de zarcão
desde mais infinito a menos infinito.

VIDRO CÔNCAVO

Tenho sofrido poesia
como quem anda no mar.
Um enjoo.
Uma agonia.
Sabor a sal.
Maresia.
Vidro côncavo a boiar.

Dói esta corda vibrante.
A corda que o barco prende
à fria argola do cais.



Se vem onda que a levante
vem logo outra que a distende.
Não tem descanso jamais.

MOINHO SEM VELAS

Meu moinho abandonado,
meu refúgio de inocente,
meu suspiro impertinente,
meu social transtornado.

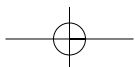
Meu sussurro de oceano,
meu ressoar de caverna,
minha frígida cisterna,
minha floresta de engano.

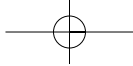
Minha toca de selvagem,
meu antro de vagabundo,
minha torre sobre o mundo,
minha ponte de passagem.

Meu atributo coitado,
meu tanger de hora serena,
rolo de pedra morena,
silêncio petrificado.

IMPRESSÃO DIGITAL

Os meus olhos são uns olhos.
E é com esses olhos uns
que eu vejo no mundo escolhos





onde outros, com outros olhos,
não vêem escolhos nenhuns.

Quem diz escolhos diz flores.
De tudo o mesmo se diz.
Onde uns vêem luto e dores
uns outros descobrem cores
do mais formoso matiz.

Nas ruas ou nas estradas
onde passa tanta gente,
uns vêem pedras pisadas,
mas outros, gnomos e fadas
num halo resplandecente.

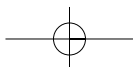
Inútil seguir vizinhos,
querer ser depois ou ser antes.
Cada um é seus caminhos.
Onde Sancho vê moinhos
D. Quixote vê gigantes.

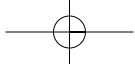
Vê moinhos? São moinhos.
Vê gigantes? São gigantes.

CRUZEIRO DO SUL

Ó meu relógio-de-sol,
agulha de marear,
minha rota sobre o mar,
faixa da luz do farol!

Ergue as tuas mãos em delta
e abriga-me da tormenta.
Numa caravela esbelta
leva-me ao mar da pimenta.





Quero adormecer na areia
loira da praia remota
enquanto no azul vagueia
a asa de uma gaivota.

Quero ser cor na paisagem,
pincelada sem contornos,
haurindo nos ares mornos
transparências de miragem.

Quero dormir e sonhar
um sonho que em cor me afogue:
verdes e azuis de Renoir,
amarelos de Van Gogh.

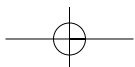
Dormir nas plagas desertas,
rosto para o céu descoberto,
braços e pernas abertas,
num mudo sono desperto.

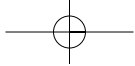
Destilar gotas de azul
nas ensonadas pupilas.
Cobri-las e descobri-las,
pálpebras finas de tule.

Oh dormir! Dormir! Dormir!
Consciente e repousado.
Sono de flor a florir
na encosta do outro lado.

CARNE VIVA

Aconchego-me nos andrajos. Procuo
(inútil) não tiritar de frio.
A vida é longa e fria. Um longo e frio muro
a marginar, ao longo, um longo e frio rio.





Aconhego-me nos andrajos. Puxo. Repuxo.
Estendo os olhos, implorativos, à caridade.
Perto, em confortáveis silogismos de luxo,
capitalistas da Verdade.

PULSAÇÃO DA TREVA

Fundiu-se a roda do Sol
entre os cedros afilados.
Desfez-se em azuis rosados,
tinturas de tornesol.

Agora, solenemente,
como um corpo que se enterra,
ao som de um sino plangente
desce a noite sobre a terra.

Campânula asfixiante.
Circula um terror nas veias.
Zumbem estrelas em colmeias
num céu alheio e distante.

Numa dormência de cova,
suspensa em leite de Lua,
toda a vida se renova
e a guerra se continua.

Nas marés do protoplasma
flui, reflui, perene e forte.
Espreita as pegadas da morte,
persegue-a como um fantasma.

Cega e surda, impenetrável,
lateja, na treva urdida,
essa coisa inevitável
que é a vida.

